

EDITORIAL

Donny Correia¹

Muito e tantas vezes ao dia ouvimos o chavão de nossa experiência presente: **“tempos bicudos”**. Isso, em referência a uma suposta era da intolerância, fomentada pela esquizofrenia que atua como vetor das relações interpessoais desde a modernidade. No entanto, para muito além da ideia de uma baixa tolerância do ser para com o seu meio e seus círculos, podemos ir adiante e pensar numa era das pós-verdades. Elas, com efeito, seduzem nossa preguiça pela realidade e alimenta o ócio que habita o mais profundo revanchismo que é um elemento atávico. Hobbes já denunciava o perigo da livre deambulação do homem pré-civilizado sobre a Terra. Para ele, a decisão inalienável defronte as coisas do mundo poderia colocar a existência em rota de colisão contra uma certa autofagia. Portanto, a premência de um “Leviatã”. O problema é que o tal monstro que tudo devora, realmente nos devorou. **Imbuídos do ressentimento intrínseco, os seres pseudo-pensantes aguardam quietos e ruminantes pelo momento da desforra. A desforra é um conceito autorreferente, nesse caso. Ninguém outorgou a esses seres uma razão plausível para desferirem revanche contra quem quer que seja.** Mas o ressentimento é parte da estrutura formativa do elemento humano. O pretexto cabível reside no ódio de si que se espelha no outro.

O ódio de si por camadas de frustrações que se acumulam num sem-número de comparativos com o próximo. “Se não tenho o que é dele, expropriarei do outro”. Jogo – e vida – que segue. Mas, contra todas as boas expectativas de Rousseau, o ego infla e o que temos é o que vivemos: o inferno. Quem sabe, o ódio é salutar. A paz não produz progresso. Quanta evolução adveio da guerra? Saudamos o conflito por obediência ao instinto e por fé na evolução. Cremos que a disputa – desde o pedido de aumento ao chefe, até a puxada de tapete – nos faz mais humanos. Esta é nossa sina. Cobra comendo cobra. Só assim nos reconhecemos. Quando estamos diante do último círio, deitados no caixão, tendemos a nos arrepender da carnificina cotidiana por mero protocolo, mas não sejamos hipócritas. **Odíamos o próximo como a nós mesmos. Queremos a extinção dele para que se prolongue nossa linhagem. E ainda que saíamos do nada rumo a lugar algum, a frustração terá sido somente nossa e de mais ninguém.** E esse será nosso último prazer, não importa o quanto doa a outrem. Devaneios à parte, viver mata – como o título de um filme cujo diretor não me recordo agora – mas, **é mais digno assumir a condição pequenina e se redimir nas próprias falhas, que passar uma jornada de vida pregando o bem sem, sequer, notar a quem. Porque, se Deus existe, e sua justiça é certa, isso é um problema exclusivamente Dele.**

¹ Poeta, crítico de arte e cinema, é doutor em Estética e História da Arte pela USP. Autor de *Cinefilia crônica - comentários sobre o filme de invenção* (Desconcertos, 2018).